

The background features a stylized landscape. At the top, there are white, wavy lines representing clouds. Below them, a white spiral represents the sun. The middle section shows layered green mountains. In the foreground, there are white, wavy lines representing water. The text 'MORAR E PLANTAR' is centered in the middle of the image, with white decorative elements above and below the words.

**MORAR**   
 **E PLANTAR**



**Quando a chuva cai sobre terras altas,** as gotas encontram os córregos e escoam para os vales vizinhos. Por causa dos relevos acidentados, elas podem se espalhar pelo chão em diversas direções. Alagam várzeas, campinas, planícies. Hidratam o solo. Por isso as serras são consideradas divisores de água. Elas são peças vitais de um sistema de irrigação natural. Ajudam a distribuir a gentileza dos aguaceiros pelas proximidades onde descansam.

Este caderno é uma produção da Militância Investigativa - equipe Vargens| Organizações parceiras: Comitê Popular de Mulheres da Zona Oeste e Rede Carioca de Agricultura Urbana



## Bananeiras de mata e maciço

O maciço da Pedra Branca é uma das maiores florestas urbanas do mundo e um generoso conjunto de dezenove divisores de água. No alto de um deles, dentro do bairro carioca de Vargem Grande, vive Cristina Correa mais o marido Jorge Cardia. A vivenda dela é o quarto, a sala, o banheiro e, principalmente, a plantação rodeada pela floresta.

Seria engano não falar da mata como a parte mais importante da casa da Cristina. O lar da agricultora é imenso. Ela mora e planta onde a chuva tanto cai do céu quanto brota das rochas e da terra mesma. A Mata Atlântica do maciço é residência de roçados, bichos, plantas, quilombos e nascentes de água. Nela a senhora de voz firme e mirada doce nasceu. Nela pariu e criou duas filhas e um filho.

Aos domingos, na Feira da Roça de Vargem Grande, a Cristina não sossega. Cheia de energia, ela vende bananas-prata, caquis, limões galegos, aipins... Tudo cultivado por ela e pelo companheiro, no alto da serra, sem o uso de qualquer veneno.

Os produtos são orgânicos. Eles chegam de burrinho à Estrada do Pacuí. Por duas horas, são levados no lombo dos animais pelos clarões entre a plantação e o asfalto. “Faz falta um trator”, ela diz, “ porque é sacrificado pros funcionários [os dois jumentos] descerem com as caixas pesadas nas costas”.

Na hora de voltar pra roça, depois da feira, Cristina não anda sozinha pelo arvoredo: “Vou conversando com todo mundo – as plantas, os bichos... Eu adoro tudo aqui”. Ela gosta dessas caminhadas desde pequena. A relação dela com o lugar onde vive é antiga e passa por



estreitos laços comunitários.

Quando era menina, Cristina catou quilos e quilos de feijão guandu com as garotas do quilombo Cafundá Astrogilda. Já adulta, conheceu o companheiro Jorge no bananal e construiu com ele a casa. A agricultora bebe água de nascente e divide o fruto dela com a vizinhança – os bichos e as plantas com quem conversa pelo caminho. Ela faz como fazem as serras.

A Anita Cardia é amiga e cunhada da Cristina. Ela também costumava fazer parte do mutirão de descascadoras de guandu no Cafundá Astrogilda quando era criança. Hoje ela mora e planta em Vargem Pequena, mas nasceu e cresceu perto do Rio das Pedras. Agora a Cristina e ela são confrades na Feira da Roça.

Junta do companheiro Adriano Campina, a Anita comercializa na praça uns quitutes que ela mesma prepara e que são muito bem queridos pela freguesia. Ela lembra que a hora de a mulherada criança descascar o feijão era também um momento “de brincar com as palavras sem compromisso”.

Ela ficava sentada com as companheiras “umas de frente pras outras”, e a tarde corria num instante. “As adultas vinham reclamar da demora”, porque elas riam muito e esqueciam “de trabalhar rápido”.

Assim como a Cristina, a Anita gosta de cultivar o chão e enxerga o ato de plantar como intuitivo: “Eu cresci no roçado, sei fazer e me sinto bem, por isso na minha casa tem bananeira, jaqueira, goiabeira, mangueira, cana de açúcar, apim”. Além disso, a relação com a terra é muito importan-



**Anita e Cristina catavam guandu**  
sentadas com as companheiras do Cafundá  
Astrogilda “umas de frente pras outras”, e a  
tarde corria num instante



te pra essa mulher por causa da sua paixão por cozinhar.

Quando fala sobre o preparo de comidas e chás medicinais, Anita ajeita a coluna e estende um sorriso. Ela confessa que muitas vezes se pega sonhando. Imagina uma cozinha bem grande. Um lugar pra trocar experiências e receitas com amigas e amigos. Ela resume assim: “É muito importante conversar sobre plantar e cozinhar. É alegre, a gente aprende. Eu penso nessa cozinha como um lugar de partilha”.

Outros projetos coletivos ocupam os pensamentos da Anita enquanto não chega a hora da desejada cozinha. O mais novo é uma soma entre paixão e intuição: a criação de uma horta comunitária.

A ideia é juntar produtos cultivados na horta, com outros artigos vindos de cozinhas e ateliês. Esse combinado vira uma cesta, que pode ser encomendada por casas das redondezas. Nela estarão os frutos do trabalho de várias mulheres locais. O grupo se chama Coletiva Hortelã.

Elas preservam as conversas descontraídas como mo-





mentos para construir juntas um sustento. Um trabalho que afirme as raízes delas: coletividade, sororidade, plantação, vizinhança, inspiração, saúde.

Cristina e Anita cresceram em meio aos bananais do maciço. Preservam as amizades em mutirões de colheita e conhecem as veredas da mata porque fazem parte delas. Vão às terras baixas de Vargem Grande para comercializar cultivo e criação, e para encontrar outras filhas do território estendido da Zona Oeste.

Filhas também de um caminho de luta. Nascidas e criadas em um território com imensa vocação agrícola. Essas mulheres resistem no dia a dia à especulação imobiliária que valoriza prédios mais que roçados. Elas observam a água privatizada pelo Estado começar a rarear nas nascentes. Sofrem juntas por isso.

A Anita comenta com a amiga de longa data: “A população começa a crescer aqui embaixo, né, Cristina. E a água lá de cima sai com uma pressão mais fraca da pedra e da terra”. É preciso um esforço dobrado para as duas mulheres serem como são em um mundo de lógicas tão individuais e absurdas.

A resistência dos quintais e do cultivo na mata faz do fim de semana na Feira da Roça de Vargem Grande um ambiente de consumo responsável, onde as mercadorias são adquiridas direto das mãos produtoras. Mas o mercado a céu aberto é mais do que isso. É um espaço público em um bairro com muito poucos lugares assim. É encontro, afeto, articulação coletiva, poesia e festa.



## Hortas femininas nas planícies úmidas

Ao redor do conjunto de serras da Pedra Branca também vivem mulheres que moram e plantam na Zona Oeste. No passado, elas eram mais numerosas. O autoritarismo da especulação imobiliária, das indústrias e do Estado castigam o modo de vida tradicional com os atropelos da grana. Mas os quintais não silenciam.

As plantações de cima do maciço são extensas. Ficam em terreno inclinado e se misturam à floresta. Já as plantações das várzeas são feitas em solo plano e dentro de jardins matriarcais. Porém, tanto em cima das serras como nos vales e planícies, prevalece uma agricultura misturada.

Trepadeiras são plantadas ao lado das árvores. Orquídeas nascem dos troncos das fruteiras. Vizinhas às babosas, estão pimenteiras, avencas, cúrcumas, samambaias e limoeiros. É uma floresta dentro de um jardim.

As pessoas chamam o plantio no maciço de bananal, mas é uma maneira de dizer. As bananas são cultivadas junto a caquis, aipins, alfaces, taiobas. Chamar as plantações das várzeas de hortas também é só um jeito de falar. Os quintais são horta, jardim, criador de animais, templo, refúgio.

Dona Maria do Céu Simões é cuidadora de um lugar assim em Vargem Grande. É também integrante da Feira da Roça do bairro e poetisa. Aos domingos, a cabeça branca dela pode ser vista trabalhando na sua barraca. Ela dispõe verdes, tubérculos, flores e frutos no balcão como quem





prepara uma instalação artística.

Mas a obra mais impressionante dela está mesmo é detrás de um portão da Estrada do Pacuí. O jardim dessa mulher é uma experiência sensorial. Se você for um pouco mais alta, vai precisar abaixar e desviar dos galhos espaçosos de algumas fruteiras. Depois de um tempo dentro do verde, a pele nota a queda da temperatura.

Os caminhos são estreitos. É preciso pisar macio e não machucar as plantas. O corpo começa a procurar respeitar o espaço ao redor. Adota outro ritmo. A vista percebe que existem muitos tons de verde. Sem o olhar treinado, duas ou mais plantas abraçadas parecem uma só. Talvez, de alguma maneira, sejam mesmo.

A narração que a Maria do Céu faz para mostrar o jardim às visitas é de uma satisfação enorme. Ela aponta os detalhes do trabalho de tantos anos como uma criança. “Olha ali”, e ri, “eu joguei uma semente que me deram na feira faz pouco tempo. O tamanho que já tá!”. É um arbusto imenso, com flor e tudo.

Não é por falta de Marias do Céu que as hortas estão mais raras nas várzeas da Zona Oeste. Muitas mulheres têm histórias não tão alegres para contar sobre o plantio que cultivaram por muitos anos.

A baixada de Jacarepaguá também fica na beira do maciço da Pedra Branca. Perto dela, acontece a Feira Agroecológica da Freguesia. Outro exemplo de coletividade existente e resistente no território. A alguns quilômetros, está a Colônia Juliano



Moreira, onde existiu uma horta ainda maior que a de Maria do Céu.

Os tratores do município passaram por cima de cinco anos de trabalho em uma manhã de julho de 2012. Não teve pisar macio. Teve guarda-roupa quebrado, coqueiro derrubado, canteiro destruído. Teve uma moradora e plantadora muito fragilizada depois de tudo.

Fazia um tempo que funcionários e funcionárias da Secretaria Municipal de Habitação iam à comunidade para avisar às pessoas da Colônia que elas precisavam sair para dar lugar à obra Transolímpica. Mas pouca gente esperava que tudo fosse acontecer de maneira tão desleal.

Na noite anterior, a agricultora Rita Barbosa foi à Prefeitura e assinou um papel, porque disseram para ela: você terá uma casa com quintal grande em troca da área onde você mora e planta hoje. Ela acreditou, mas era mentira.

Às sete da manhã do dia seguinte, as máquinas começaram a demolir o jardim. Ela ainda nem havia acordado direito. Os pertences dela foram jogados na rua, os móveis foram quebrados, não deu tempo salvar muita coisa.

Dezenas de fruteiras, hortaliças e ervas medicinais foram tratoradas. Eram 300 m<sup>2</sup> de temperatura amena no meio da metrópole do Rio de Janeiro. 300 m<sup>2</sup> de árvores abraçadas. Naquela manhã, passaram por cima do coração de todas as agricultoras da Zona Oeste.



## Taboas e quintais de terras alagadas

Depois da Colônia, veio a Vila Autódromo. Uma comunidade com centenas de casas na beira da lagoa de Jacarepaguá que foi destruída pelo município do Rio de Janeiro em nome do Parque Olímpico. Na verdade, não foi destruída.

As casas foram derrubadas, mas a Vila Autódromo resiste nas lideranças que nasceram do dia a dia de embates. E nas pouco mais de vinte habitações que foram construídas perto da Igreja de São José Operário, onde algumas dessas pessoas vivem até hoje

A resistência da Vila é manchete internacional. No Brasil, a vontade de morar e plantar está em todos os centros urbanos. Ela vive uma peleja desigual. Imagina você entrar no ringue com dois gigantes: o Estado e o empresariado. Mas muita mulher neste país peita esse desafio. E é por isso que a Vila hoje é um grande exemplo de vitória em um processo de remoção urbana.

Ainda é amarga a conquista. Mas um trator municipal nunca passa por cima de uma única casa com quintal. A remoção não é um drama individual, é uma questão política. Quando uma casa cai, dói, muitas vidas nunca se recuperam, mas a luta continua. Mulheres como Jane Nascimento sabem muito bem disso.

A Dona Jane batalhou dez anos contra o cerco do Estado e das empresas em torno do morar e plantar dela.

**Um trator municipal nunca passa por cima de uma única casa com quintal. A remoção não é um drama individual, é uma questão política e por isso coletiva**

Era ameaça depois de ameaça. E ela continuava a organizar manifestações. Foi uma das responsáveis pela criação da horta comunitária da Vila Autódromo em 2015. Deu entrevista pra Deus e o mundo, sempre com paciência.

O quintal dela abraçava coqueiros, espadas de São Jorge, buganvilles, samambaias... Tinha uma fossa verde também. E passarinhos. Quando ela foi forçada a deixar tudo para trás, já fazia treze anos que havia comprado o terreno. Uma vez ela disse: “Eu realmente acreditei que iam me deixar sossegada aqui”.

No dia da demolição, ela estava abraçada nas filhas e falou para as pessoas que estavam próximas: “Casa não se constrói com dinheiro, se constrói com amor”. Ao redor da família, era muito escombro. A Prefeitura foi desgastando o vigor da vizinhança.

Já fazia vários meses que a luz e a água eram cortadas dia sim, dia não. O barulho e a poeira das obras do Parque

Olímpico assustavam e adoeciam crianças e pessoas mais velhas. Sem falar nos vários anos de intimidação.

A Vila Autódromo se tornou um cenário devastado. Demoliram a casa e o quintal da Jane, mas ela continua de pé com o microfone na mão. Se uma morada cai, tem outras centenas de moradas que é preciso proteger. Em especial as mais frágeis.

As ocupações de áreas alagadas estão por toda parte na Zona Oeste. São povoadas por retirantes, filhas e filhos da roça, pessoas trabalhadoras. Mulheres que plantam em quintais. Cozinheiras, domésticas, feirantes, articuladoras políticas.

Nem sempre as pessoas que moram e plantam em locais assim possuem documentos, informação. Muitas vezes, as máquinas passam por cima das casas delas sem respeito à vida. E o fantasma dessa possibilidade assustadora é constante.

A Lúcia Bitaraes foi uma criança de roça. Desde os anos 80, ela mora na comunidade do Trinta, no final da Estrada dos Bandeirantes. A filha de vaqueiro observa desconfiada o lugar onde mora e planta se transformar há muitos anos.

Quando chegou, “era uma casa ali, outra acolá”, e o mais que se via era roça, taboa e nascente de água. “A natureza era bem presente”, ela resume. Com o tempo, vieram os agrotóxicos, os prédios residenciais de classe média e as ameaças de despejo.

## Quando Lúcia chegou no Trinta

“era uma casa ali, outra acolá”, e o mais que se via era roça, taboa e nascente de água. Com o tempo, vieram os agrotóxicos, os prédios residenciais de classe média e as ameaças de despejo

Em 2010, a comunidade vizinha de Taboinhas recebeu uma visita nada agradável. Eram mais de dez oficiais de justiça, quase trinta policiais militares comuns e do choque. Vieram também algumas unidades do Corpo de Bombeiros.

Sem falar nos assistentes sociais da Prefeitura. Uma grande assistência social pode prestar um ou uma profissional que chega numa comunidade junto com a polícia e vários caminhões particulares de mudança.

Porém, aquele não foi um dia de derrota para as vizinhas de Lúcia. Os quintais delas continuam de pé. Do lado de cá, estava formada e a postos uma comitiva grande com moradoras e moradores da Zona Oeste. Militantes do morar e plantar. Assessores e assessoras parlamentares. E por aí vai.

Existem palavras que unificam as pessoas. Lembranças da infância. Valores que a gente aprende muito novas e



não esquece. Depois de adulta, respeitar esses valores é também encontrar-se com pessoas que gostam das mesmas palavras e cultivam os mesmos ideais.

O círculo das mãos dadas em torno do direito à moradia de quem planta precisa ser muito forte. A Francis Oliveira é uma artesã cearense que compõe esse círculo na Zona Oeste há quase quarenta anos.

Ela trabalha com a fibra da bananeira fazendo o que as pessoas antepassadas da Anita e da Cristina faziam com a taboa. Criando sustento, produzindo arte local. Ela é neta e descendente de indígena. Dá pra ver no rosto, nas formas do corpo, na cor da pele e na pisada firme.

O avô materno dela era Reriú. A tribo dele entrou para a história oficial como um aglomerado nativo pacífico que fugia quando era atacado e que foi dizimado. Na memória da Francis, o coração do avô é o mais forte guerreiro.

Mesmo que o povo dele tenha sido assassinado. Mesmo que poucas pessoas reriús tenham restado. O que o avô da Francis fez foi plantar uma semente dentro do peito dela. “Ele foi quem me ensinou sobre o amor coletivo”, conta, “ele era um reriú pacífico, lindo. Foi a maneira dele de ser forte: passar o amor adiante”.

Hoje em dia, a neta de Reriú é filha da luta. Assim com as mulheres nascidas e criadas no território verde das Vargens. No alto das serras cariocas. E em tantos outros espaços matriarcais do morar e plantar. A resistência vive. Os espaços coletivos vivem. As mulheres estão presentes.

**APOIO:**

